

— Morreu? E aquêlo retrato que você guarda com tanto cuidado?

Ela pouco a pouco recuperava o domínio de si própria e agora já podia levantar os olhos para o marido.

— Nunca procurei esconder, mas apenas evitar falar sôbre êle com você, porque isto não me agradava, mas agora, já não é possível evitar e você precisa realmente de uma explicação. Conheci Fernando quando era ainda menina, eu tinha doze anos e êle quinze. Sentiamos uma profunda amizade um pelo outro e começamos um dêsses namôros de crianças que o tempo consolidou. Meus pais gostavam muito dêle. Fernando passava os domingos em nossa casa, mas um dia aconteceu: Fernando morreu afogado tomando banho num rio, com um grupo de amigos. Ela olhava-o de frente, com olhos firmes. Depois de um breve silêncio acrescentou — Talvez tenha sido um grande êrro não ter contado isso a você antes.

Não sabia o que dizer. A mulher parecia ser sincera, parecia dizer a verdade, êle próprio sentia uma certa necessidade de acreditar nela.

— Mas aquêlo retrato...

— Nunca tive coragem de me desfazer dêle, foi a única coisa que guardei de Fernando.

O aguilhão de ciúme feria-lhe a alma e êle falava com um tom irônico que nunca descobrira em si antes.

— Talvez você nunca o tenha esquecido e depois de morto continue amando a memória dêle!

Ela baixou os olhos. Continuou a folhear o livro sem prestar atenção ao que estava impresso nas páginas.

Êle resolveu encerrar a questão. Acreditava nas palavras da espôsa, precisava acreditar nas palavras dela, principalmente por uma grande necessidade interior. Fêz-se silêncio entre os dois. Aparentemente, tudo voltaria a ser como antes, mas à noite, quando êle se deitava ao lado da mulher, lembrava-se do retrato: "Para Marlene, com a admiração, o amor e o carinho de Fernando".

A MESMA HISTÓRIA

Era um homem estranho. Via-se poucas vêzes na rua e, se o viam, era sempre sòzinho. A vida parecia-lhe coisa com que não valia a pena preocupar-se. Em seu rosto, estampava-se uma expressão ao mesmo tempo amarga e resignada. Em tórno dêle giravam certos comentários: muita gente dizia-o louco. Explicavam alguns que o conheciam melhor, que a morte da mulher tinha-lhe afetado o juizo. Falava pouco e, quando o fazia, era sempre para contar a mesma história:

“Sempre fui um homem normal, e a minha vida, igual à de qualquer outro. Fui criança como todo mundo, não tinha preocupações e a vida passava por mim sem que eu sentisse. Gostava das flôres perfumadas, de ouvir cantar os pássaros nas manhãs de sol, de ver a primeira estrêla surgir no firmamento escuro... enfim, eu amava as coisas simples e belas. Cresci. E o mundo modificou-se aos meus olhos. Já não me importavam os pássaros, nem as flôres, nem as estrêlas. Tudo se tornou muito diferente. Casei-me. Não sei se havia amor entre mim e a mulher, mas, pelo menos, havia compreensão, e, posso dizer que fui feliz por algum tempo. Fui feliz, sim, até que certo dia, dei com a mulher a morrer. Corri a procurar um médico. Quando a examinou, ela já não vivia. “Coração” — disse o médico sêcamente. Achei estranho que ela morresse assim, tão simplesmente e cheguei à conclusão que a vida pouco ou nada vale. De uma hora para a outra, quando menos se espera, a morte surge e põe fim a uma existência cheia de esperanças. Notei então que alguma coisa se transformava em mim. Tornei-me indiferente a tudo. Pouco me importava como acontecessem as coisas, para mim, tudo estaria bem. Muita gente dirigia-me palavras de confôrto, tentando dar-me interesse pela vida. É muito fácil consolar quando não se tem o sofrimento na alma. O tempo foi passando e, naturalmente, essas pessoas deixaram de se preocupar comigo. Eu lia os jornais todos os dias. Interessava-me sobretudo pelos anúncios fúne-

bres. Estranho gosto, concordo, porém, depois da morte dela, eu gostava de saber quantos mais iam deixando de existir. Mas, mesmo lendo todos os jornais, era impossível ter uma idéia exata. Andava sozinho pelas ruas e, se encontrava algum casal de namorados, não podia deixar de me lembrar que também nós havíamos passeado juntos por jardins e avenidas e eu não suspeitava que ficaria só. Eles também não se lembravam que um dia, um estaria sozinho, aumentando a solidão do mundo e talvez passasse então a viver como eu: olhando a vida agitar-se em redor sem tomar parte nela, apenas esperando pacientemente o fim da solidão.”

Não gostava que ninguém o confortasse quando terminava a sua história. Preferia o silêncio. Procurava com os olhos algum ponto fixo no espaço e ficava muito tempo absorto, olhando o vazio. A vida não tinha sentido para ele, e a solidão pesava-lhe como um fardo que precisava arrancar de si. O seu rosto era feito de tristeza e resignação, em qualquer parte, contava sempre a mesma história.

VISÕES NOTURNAS